

**John White**, *Dinheiro não é Deus: Então, por que a Igreja o Adora?*, trad. **Lucy Hiromi Kono Yamakami** (São Paulo: ABU Editora, 1996) 223 pp. Original em inglês: *Money Isn't God* (Inter-Varsity Christian Fellowship, 1977).

O autor, médico psiquiatra e um dos pastores da Comunidade Vineyard, em Vancouver, no Canadá, é autor de vários livros, entre eles: *A Luta, Ousadia em Oração, Mais que uma Obsessão, Máscaras da Melancolia e Eros e Sexualidade*.

O livro que vamos analisar foi publicado originalmente em 1977 com o título *The Golden Cow* ("A Vaca de Ouro") e é republicado agora com várias modificações e acréscimos.

Creio que a tese básica do livro é a maneira de a igreja trabalhar com suas finanças, deixando de lado os princípios bíblicos e aplicando os da moderna administração e propaganda, contrários aos ensinamentos neotestamentários, tornando-se, assim, culpada do pecado do materialismo, e ficando sujeita ao conseqüente juízo de Deus sobre esse comportamento.

White mostra isso analisando a forma como a igreja trabalha as várias questões relacionadas a esse assunto e comparando com a mensagem de vários profetas contra os pecados do povo de Deus e, ainda, com o ensino de Jesus no Sermão do Monte sobre o dinheiro.

O livro é dividido em três grandes seções. A primeira, chamada "Os Encantos do Senhor Mamom," contém sete capítulos. O primeiro capítulo é uma introdução na qual o autor afirma que o grande pecado do ocidente, inclusive da igreja, é o materialismo, e que, embora o dinheiro não seja Deus, o materialismo é satânico e controla nossa vontade e comportamento. Ele mostra através de exemplos das Escrituras e da história como Deus é amoroso, mas também santo, e que julga os povos de várias maneiras, podendo até mesmo usar os pecados de alguns, pelos quais eles são responsáveis, para julgar outros.

No segundo capítulo ele critica a nossa preocupação exagerada com propriedades, mostrando que as coisas tornaram-se mais importantes que as pessoas e chegaram mesmo a afastar-nos delas. O autor oferece sugestões de como podemos mudar esse quadro.

No terceiro capítulo ele mostra que embora os pastores sejam também, muitas vezes, materialistas, eles ganham pouco para "administrar um tipo de clube cristão" e vivem amargurados, trabalhando em dois empregos ou deixando o ministério. O valor do salário não é o problema e, sim, o fato de os cristãos não entenderem a idéia de que todos são cooperadores no corpo de Cristo, criando-se dois tipos de crentes, um mais comprometido e outro menos. No decorrer das considerações ele apresenta algumas idéias para mudar essa situação.

No quarto capítulo ele trata do comércio religioso, questionando a compreensão atual da expressão "viver pela fé," à luz da história da igreja. Ele mostra que há três métodos bíblicos de levantar recursos e que as organizações cristãs confiam mais nos métodos do que em Deus, caindo nos mesmos erros da propaganda não cristã e fazendo dela mais um instrumento de manipulação do que de informação.

O capítulo cinco trata da competição entre as organizações cristãs no levantamento de

fundos, mostrando que ali existe uma verdadeira guerra, muitas vezes suja. Ele cita alguns problemas decorrentes disso. Também fala que isso se tornou um negócio em nada diferente dos negócios do mundo, em que a expansão ocupou o lugar da bênção de Deus. Aí a ética cristã não mais prevalece, e Deus parece, muitas vezes, ter se tornado inadimplente. White conchama os cristãos a realizarem uma conferência sobre o assunto e os orienta na maneira de avaliar os grupos que lhes pedem ofertas.

O capítulo seis trata do comércio de objetos com temas cristãos e até mesmo de viagens a Israel, naquilo que, para o autor, não é uma preocupação de honrar o nome de Deus ou dar testemunho de nossa fé, mas tão somente aproveitar-se de um enorme potencial econômico. Nessa perspectiva, ele discute como nós fomos permitindo a dessacralização do sagrado e perdendo o temor de Deus, desafiando-nos a boicotar esse tipo de venda. O autor, entretanto, faz questão de destacar que não se refere a todo comércio cristão, que, muitas vezes, abençoa o povo de Deus.

O sétimo capítulo fala sobre os abusos na evangelização, mostrando que, ao contrário do modelo bíblico, apelamos mais para leis psicológicas de venda do que para a razão iluminada pelo Espírito Santo, e assim temos muitos convertidos mas poucos regenerados de verdade.

A segunda parte do livro, "Seguindo outros Deuses," tem cinco capítulos e trata da maneira como Jesus e os profetas reagiram quando o povo de Deus seguia outros deuses.

O capítulo oito mostra Jesus expulsando os vendilhões do templo, seguindo a linha de pensamento e crítica dos profetas, e chegando mesmo à violência para mostrar o que Deus pensa sobre o assunto.

No capítulo nove o autor examina o uso das palavras "prostituição" e "adultério" nas acusações que os profetas Isaías, Jeremias, Ezequiel e Oséias usaram para condenar pecados muito parecidos com os nossos, e afirma que o maior problema era o coração endurecido, esquecido daquele a quem pertencia por direito. Através dessa linguagem forte e apaixonada os profetas queriam o arrependimento e a volta do povo a Deus.

O capítulo dez continua a mostrar a força da linguagem profética em Jeremias, Ezequiel e Oséias, na denúncia dos pecados do povo de Deus. A palavra agora analisada é "nudez." Ela indica a vergonha sentida quando o conhecimento das iniquidades cometidas torna-se público e se sabe que Deus poderá fazer o mesmo conosco.

O capítulo onze que é, no meu entendimento, o capítulo central da obra, prende-se quase que inteiramente ao ensino de Jesus sobre o dinheiro e as riquezas.

Para o autor, Jesus viveu num contexto de classe média e encorajou seus discípulos a renunciarem aos bens materiais, vivendo da generosidade dos outros e ainda distribuindo isto com os pobres. Então ele se pergunta se este seria o padrão para todos os cristãos e discorda da conclusão de outros autores, afirmando que, conquanto o compromisso financeiro possa variar de crente para crente, a consagração e a maneira de lidar com os bens materiais têm que ser iguais. Alicerçado no Sermão do Monte, ele diz que há uma maneira terrena e outra celestial de encarar as coisas e que, embora toda a criação de Deus seja boa e haja a necessidade de poupar e pensar no futuro, a fixação em um tesouro é muito perigosa pois afeta nossa maneira de julgar as coisas e, mesmo quando pensamos só a nível das nossas necessidades, corremos o risco de sempre querer mais.

Ele mostra que o mais importante para Jesus não é o dinheiro em si, mas como ele nos afeta e o domínio que exerce sobre nós. Outra parte interessante do capítulo é a afirmação de que esses problemas estão diretamente relacionados com a fé ou a incredulidade.

O capítulo doze trata do sistema materialista que envolve a ganância e a supervalorização da prosperidade, no caso de cristãos, até mesmo em detrimento da nossa fé no poder e no amor de Deus. A seguir, White analisa a propaganda e o trabalho dos vendedores que sempre criam novas necessidades que precisam ser supridas com seus produtos, chamando-os de "sacerdotes do deus ganância." O final do capítulo conclama as igrejas e os pregadores a tratarem desse tema com mais insistência e a ensinarem o povo de Deus a reagir contra esse problema.

A terceira parte do livro é a conclusão. Ela trata do julgamento divino e faz um veemente apelo ao arrependimento e volta para Deus.

O capítulo treze mostra que na Bíblia há dois tipos de julgamento de Deus, o espiritual e o físico, e que também temos que ter discernimento para diferenciar entre os que sofrem como fruto de perseguição ou fruto de julgamento. Analisa ainda que o juízo de Deus ocorre durante toda a história, ou seja, é progressivo, mas que haverá um juízo final. Com base em Romanos 1, ele analisa cinco juízos de Deus sobre a humanidade.

No capítulo catorze, estudando Oséias, o autor analisa como Deus busca o seu povo, sofre com os seus pecados, e como até mesmo os seus juízos têm por objetivo que os valores morais e espirituais sejam mudados e haja restauração.

No último capítulo, o de número quinze, White fala sobre o orgulho como o pecado primário da igreja cristã, inclusive em termos de denominações, e como se manifesta após movimentos reformadores grandemente abençoados por Deus, bem como as suas terríveis consequências. Estuda então e enfatiza o arrependimento, insistindo que só um verdadeiro arrependimento bíblico poderá colocar-nos onde Deus quer que estejamos. Finalmente, ele fala sobre o futuro da igreja citando o pré-milenismo e o pós-milenismo e colocando-se ao lado do último. Ele tem esperança de que, embora passemos por problemas graves, pequemos e enfrentemos juízos, Deus nos dará verdadeiro arrependimento e mandará um avivamento antes da volta de Cristo.

Apreciei sobremaneira o estilo do autor, que, aliás, já havia notado em outras obras suas, mas, sobretudo, o fato de ele ser muito bíblico em suas análises, usando a Palavra de Deus como verdadeiro quadro de referência e regra de fé e prática.

Gostei muito da análise que ele faz da seção do Sermão do Monte que fala do dinheiro, entendendo que esse é o capítulo central do livro, pois ensina como deveríamos tratar deste assunto tanto pessoal como eclesialmente.

Entendo que duas ou três experiências pessoais contadas para ilustrar alguns pontos não são as melhores por serem incomuns e por não se coadunarem com o estilo da obra e o método usado pelo autor.

De certa forma, no meu entendimento, o autor não precisaria entrar, no último capítulo, em questões escatológicas, principalmente quanto às escolas que tentam explicar a segunda vinda de Cristo. Ainda neste sentido, não exatamente como uma crítica mas

como uma surpresa, o autor mostra-se pós-milenista, o que hoje é raro.

Embora creia que o livro seja mais pertinente a uma cultura rica e consumista como a norte-americana, por causa de tantos escândalos dos chamados "tele-evangelistas," a sua leitura e aplicação em nossa terra tem muita razão de ser, inclusive devido ao crescimento dos pedidos de contribuição por vários grupos. Outro desafio é o de repensarmos o quanto gastamos com construções faraônicas, a serem usadas apenas uma vez por semana, enquanto poderíamos estar utilizando melhor os recursos ali aplicados, e, sobretudo, o de nos consagrarmos pessoalmente ao Senhor, e não a Mamom.

Recomendo, sem dúvida, a leitura desta obra!

— *George Alberto Canêlhas*